

Economia.

Conta de luz vai continuar mais cara em abril

Pág. 39

EDITOR:
ABDO FILHO
afilho@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327
agazeta.com.br/dinheiro

gazetadinheiro

PAÍS NO VERMELHO

O BRASIL ESTAGNADO

UM PIBINHO DE APENAS

0,1% NO ANO PASSADO

Resultado foi o menor avanço desde o governo de Collor

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA

A economia brasileira ficou estagnada em 2014, com alta de apenas 0,1%. No quarto trimestre do ano passado, a atividade avançou 0,3%, na comparação com os três meses anteriores. Com esse resultado, o Produto Interno Bruto (PIB, soma de bens e serviços produzidos) do país ficou em R\$ 5,521 trilhões. Os números foram divulgados ontem pelo IBGE.

Dessa forma, nos quatro primeiros anos de seu governo, Dilma Rousseff alcançou um crescimento médio de 2,2%, o segundo pior desde a redemocratização, em 1985, à frente apenas do período de Fernando Collor na presidência (1990-1992): -1,29%.

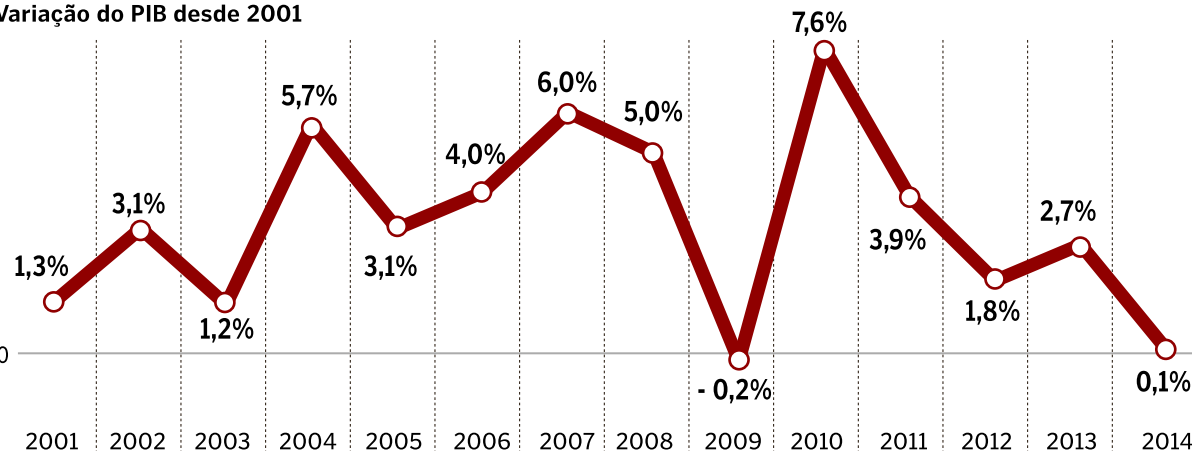
Entre os países do G-20, que engloba as economias mais industrializadas do planeta, o PIB do Brasil teve um dos piores desempenhos em 2014. Só ficou à frente de Itália, cuja economia retraiu 0,4%, e do Japão, que teve crescimento zero.

O PIB per capita brasileiro caiu a R\$ 27.229, recuo de 0,7%. É primeira vez que o indicador cai desde 2009. A queda ocorreu porque o crescimento populacional foi de 0,9%, avanço superior ao da economia.

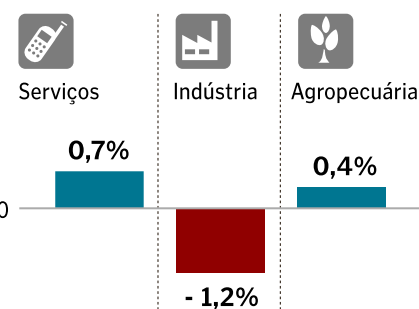
“O que contribuiu para o crescimento foram os serviços e, negativamente, foi a indústria”, afirmou Rebeca de La Rocque Palais, coordenadora de Contas do IBGE, que, pela primeira vez,

CRESCIMENTO MINGUADO

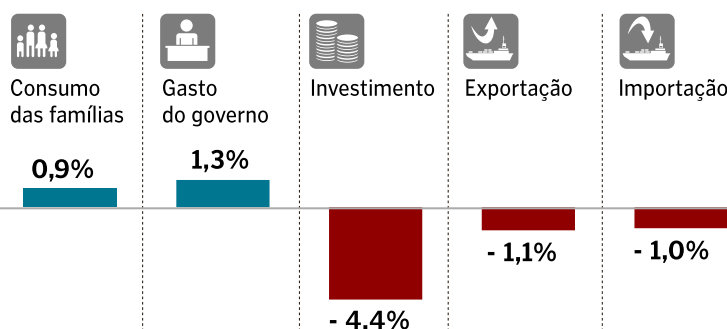
Variação do PIB desde 2001



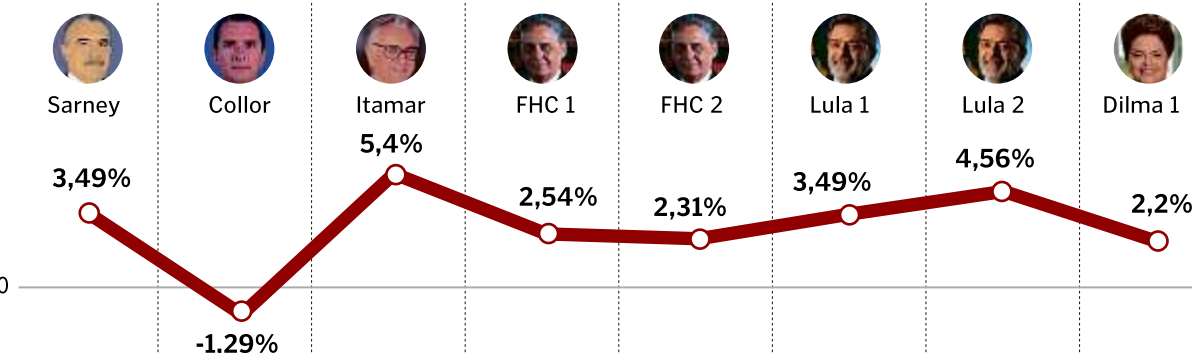
Variação do PIB em 2014 por setores pela ótica da oferta



Variação do PIB em 2014 por setores pela ótica da demanda



Média do PIB



incluiu dados que não existiam e mudou a classificação de alguns itens.

A indústria geral encolheu 1,2%. A de transformação, uma das mais intensivas em mão de obra, recuou 3,2%. Um dos principais responsáveis pela derrapada da indústria foi a construção civil, com queda de 3,3%.

Ainda pela ótica da oferta, os serviços avançaram 0,7% e a agropecuária cresceu 0,4%. Na ponta da demanda, o consumo das famílias avançou 0,9%, o menor crescimento desde 2003. Os gastos do governo, por sua vez, registraram o maior avanço do ponto de vista da demanda: 1,3%.

Enquanto isso, os investimentos caíram 4,4% em 2014, no pior desempenho desde 1999. Foi a principal contribuição negativa para a economia. A relação entre os investimentos e o PIB no Brasil caiu de 20,5%, em 2013, para 19,7%.

Para o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, o PIB de 2014 mostra que o país está em um momento de transição. “O resultado do PIB mostrou que a gente está em uma transição. Primeiro, uma desaceleração, mas, principalmente, uma transição. Começamos a ver uma recuperação das exportações. No ano passado, a contribuição das importações e das exportações foi neutra. Uma complementou a outra. Esperamos uma recuperação das exportações”.

PAÍS NO VERMELHO



Expansão? Só no final de 2016

Para especialistas, isso só se dará, entretanto, caso o país mantenha o ajuste tocado por Levy

▄ PATRIK CAMPOREZ
pmao@redgazeta.com.br

Os problemas econômicos enfrentados pelo país em 2014 vão prosseguir durante 2015 e só devem ser amenizados no final de 2016. Isso se o governo acertar nas ações de redução dos efeitos da crise, avaliaram os especialistas ouvidos ontem por A GAZETA, logo após o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciar que a economia brasileira cresceu apenas 0,1% no último ano.

“O PIB per capita está caindo, afetando a população que mais precisa, a de baixa renda. Um dos agregados que mais caiu foi o investimento, e o investimento hoje é a oferta amanhã. Isso significa que

ESTAGNAÇÃO

“Se os ajustes forem mantidos, no final de 2016 devemos começar a sair desta situação. Por enquanto, a economia deve continuar estagnada”

ARILTON TEIXEIRA
ECONOMISTA

estamos reduzindo o capital de amanhã”, afirma o doutor em Economia e professor da Fucape, Arilton Teixeira.

Nos últimos cinco anos, os dados têm indicado que a economia brasileira não tem mais evoluído de forma constante. A falta de sustentabilidade no sistema econômico é um efeito conhecido como “voo de galinha”, já que, assim como a ave quando tenta

voar, a economia não se sustenta em alta.

“O país faz ajustes fiscais, fica estável, mas por pouco tempo. Depois de controlar as contas, o governo volta a gastar mais do que arrecada, o país fica fragilizado e entra em crise. O problema se repete”, explica o economista César Augusto Gomes, que também atribui ao fraco desempenho da economia à “pesada máquina pública” que a população precisa pagar. “O governo devia cortar os ministérios e enxugar a máquina para ter melhoria. A indústria não cresce, a exportação não cresce e o governo não tem controle das contas. Por que não mexer no próprio sistema?”, questiona ele, que também é especialista em finanças e negócios.

Outro grave problema enfrentado é o índice de emprego em baixa devido

à crise, alerta Arilton. “O processo de formalização da economia está dando passos para trás e a pobreza, que vinha caindo, volta a subir. A informalidade está aumentando e a capacidade de investimento está diminuindo”, frisa.

POPULAÇÃO

O desempenho da economia brasileira não consegue nem ao menos acompanhar o crescimento populacional, que aumentou 0,93% em 2012 e 0,9% em 2013, segundo dados do IBGE. “A população vem crescendo e, por isso, o governo devia ter construído mais escolas e mais postos de saúde, contratado mais pediatras e feito uma série de outros investimentos, mas não fez. Isso só reforça que o crescimento de 0,1% é muito ruim”, completa o professor da Fucape.

Nas ruas, a população

CRISE

“O problema se repete. Depois de o governo fazer ajustes fiscais, o país fica estável, mas por pouco tempo. Logo entra de novo em crise”

CÉSAR AUGUSTO GOMES
ESPECIALISTA EM
FINANÇAS E NEGÓCIOS

sente o dinheiro ficando cada vez mais curto e, as contas, mais difíceis para pagar. Para as compras não pesarem tanto no bolso, a assistente de rádio Geisa Leite, de 33 anos, tem usado a criatividade para economizar. Ela substitui produtos caros por outros com preços mais em conta. “Troquei a alcatra pelo acém para não deixar de fazer churrasco. Tenho criança em

casa e também busco substituir outros itens”, revela a assistente.

De acordo com o proprietário de uma oficina mecânica de Vitória, o movimento caiu 40% nos últimos meses e a paradeira é geral no comércio onde ele atua, na região de Ilha de Santa Maria. “Nossa esperança é de que esse tempo ruim vai passar logo. O cliente nem está aparecendo ultimamente”, desabafa o microempresário.

Outro que não está nada satisfeito com a queda nas vendas é o balconista de farmácia André Amorim, de 28 anos, que também atua em Vitória. “Os clientes estão deixando de gastar, com medo do que vai acontecer com a economia. Momento ruim como esse eu não tinha visto desde quando comecei a trabalhar aqui”, revela o funcionário.

EDSON CHAGAS



Criatividade

“O dinheiro está ficando cada vez mais curto. Tenho criança em casa e busco substituir itens caros por outros mais em conta”, revela a assistente Geisa Leite, de 33 anos.

EDSON CHAGAS



Esperança

“O movimento caiu 40%. O cliente nem está aparecendo, ultimamente, mas confio que este tempo de crise vai passar logo”, afirma Adenis Pereira, que é dono de oficina.

EDSON CHAGAS



Medo de gastar

“Os clientes estão deixando de gastar, com medo do que vai acontecer. Momento ruim como este eu não tinha visto”, diz o balconista de farmácia André Amorim, de 28 anos.

Oposição aponta erros, aliados culpam crise

▄ Após o IBGE divulgar que a economia brasileira cresceu apenas 0,1% em 2014, parlamentares da base do governo e da oposição reagiram ao resultado. Os oposicionistas criticaram o atual modelo de gestão econômica do governo e apontaram que “erros” do Planalto “baixo” crescimento. Já a base governista defende que resultado é reflexo do “cenário atual” e fala em retomada do crescimento.

Para o senador Aécio Neves (PSDB-MG), as perspectivas para este e os próximos três anos são

“ainda piores” que o primeiro mandato da presidente Dilma. Em nota, ele disse que se as expectativas de analistas se confirmarem, o país terá mais quatro anos de “estagnação da renda”.

“Ou o governo do PT corrige rapidamente a situação que ele mesmo criou ou teremos mais um ciclo de baixo crescimento, inflação alta, juros altos, desequilíbrio externo e ainda o risco de mais aumento de carga tributária. O pior é que agora o único bastião de notícias positivas, a bai-

xa taxa de desemprego e a formalização, também vai pior”, disse o senador.

O líder do DEM na Câmara, deputado Mendonça Filho (PE), reconheceu o “esforço” do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, em trabalhar para que 2015 e 2016 sejam anos melhores para a economia. Ele, porém, ressaltou que quem paga a “conta” do crescimento “baixo” é a população. “O Brasil foi jogado na estagnação. E isso é fruto da incompetência do atual governo”.

O líder do governo na Câmara, deputado José Gui-

marães (PT-CE), disse que a oposição deve estar “muito chateada” com a previsão “catastrófica” de que o Brasil teria retração econômica em 2014. Para ele, o país não vive uma “crise econômica” como, segundo ele, os partidos de oposição pregam. O líder do governo, porém, defendeu a necessidade de ajuste nas contas do governo para evitar o recuo da economia em 2015.

“Penso que é um sinal de que a economia dá claros sinais das grandes possibilidades de crescimento no segundo semestre”,

afirmou Guimarães.

Vice-líder do PT na Câmara, o deputado Afonso Florence (BA) disse que o resultado da economia do país em 2014 está “dentro do universo imaginado diante do cenário atual de crise internacional”.

“Não é um quadro de deterioração. Não é o que pretendíamos mas está dentro do universo que podemos administrar e preservamos a expectativa de que é necessário aprovar o ajuste. Acho que esse resultado é parte do cenário geral”, disse Florence.

OPINIÃO DE A GAZETA

Uma equação insustentável

▄ Dois números merecem atenção especial. Enquanto os investimentos despencaram 4,4%, os gastos do governo subiram 1,3%. Uma conta que não fecha. Não há economia que se sustente desse jeito. A conclusão disso tudo não pode ser outra: o Brasil do conto de fadas da campanha do PT não existe.